

BELMIRA BALTAZAR



DA **DEPOIS**
VIRGINDADE

DEPOIS DA VIRGINDADE

BELMIRA BALTAZAR

©Belmira Baltazar e ésobrenós Editora, 2022

Título: Depois da Virgindade

Autora: Belmira Baltazar

Contactos para palestra, seminário e workshop

E-mail: belmirabaltazar425@gmail.com

Instagram: Prazer_acima_de_tudo

Edição e paginação

Lucas Cassule

Design de capa

Lucas Cassule

Execução Gráfica

ésobrenós Editora

Revisão

Alzira Simões

Marketing e publicidade

Alusapo

Conselho Editorial

Alzira Simões | Youran Mendes | Dito Benedito

ISBN: 978-989-53537-0-5

Edição digital: Fevereiro de 2022

ÉSOBRENÓS EDITORA

Alvalade, R. Fernão M. Pinto, 57 | Luanda – Angola

Zango I, Quarteirão F, R. 10 (paragem do parte-braço), casa n.º 415.

É expressamente proibida a reprodução deste opúsculo, no todo ou em parte, seja por quaisquer meios sem autorização por escrito da autora.

BELMIRA BALTAZAR, nasceu em Luanda, Rangel, aos 17 de Dezembro de 1997. É estudante de Gestão de Recursos Humanos pela Universidade Lusíada de Angola. Começou a escrever os seus pequenos textos em 2019, textos estes publicados na sua maioria no Instagram. A autora, fascinada por textos de pendor erótico, trabalha como Assistente Administrativa no sector privado.



Quero agradecer a Deus pelo fôlego da vida.

Aos meus pais, obrigada pelo amor incondicional.

Ao charmozinho, obrigada por ter sido a inspiração para os meus textos eróticos e por me ter emprestado as palavras quando tentei explicar o calor que invadia a minha alma. Obrigada por me permitir sonhar.

Um beijo grande para aqueles que ao meu lado partilharam com generosidade, carinho e que contribuíram para que fosse possível alcançar este grandioso objectivo: Lucas Cassule, Emanuel Pinheiro, Jemima Kiala, Alusapo, Velho Kipacaça e Idalécio Cassul.

CHAMO-ME FERNANDA Adriano, tenho 33 anos de idade, cabelos pretos e longos, olhos castanhos-escuros, 1.63 metros de altura, 52kg, rabo, coxas e seios proporcionais ao meu corpo, mas nem sempre fui assim.

Eu sei, eu sei... Meus desabafos sempre envolvem assuntos como calcinhas fio-dental, *soutiens*, clubes de *strippers*, uma taça de vinho e um bom cigarro com sabor a menta e tudo mais que possa me colocar numa situação constrangedora. A questão é: eu não sei o porquê que as pessoas fazem tanto mistério em relação a esses assuntos. É como se as mulheres tivessem que manter em segredo uma dupla identidade com depilação, menstruação, sexualidade e roupas íntimas.

Eu nunca fui o tipo de menina que se interessasse por sexo durante a adolescência. Para falar a verdade, eu estava mais preocupada em comer bolinhos, cereais e assistir ao Tio Patinhas. Comparando-me com as minhas amigas, sempre fui a "atrasada". Eu demorei para menstruar, não arranjei namorado aos 13 anos de idade, nunca tive um *ficante*, nas brincadeiras de papá e mamã eu era sempre a filha e nos jogos de

“Verdade ou Consequência” eu ficava sempre de fora.

Você acreditaria se eu dissesse que sofri *bullying* por ter sido virgem por um bom tempo? Isso mesmo que você está a ler, por ser virgem! Quer dizer, você sofre *bullying* por foder demais, também sofre por foder menos ou nada. Com certeza está escrito, em algum lugar que eu não conheço, um manual de como não sofrer *bullying* pela sua vida sexual. Eu imagino regras como: “você deve dar três vezes por semana se estiver a namorar; uma, se estiver solteira. Se passar de uma, você será taxada como “fácil, voada..., PUTA”. Se for menos que isso, “frígida, mal-comida e santinha”. — Por favor, entendam o meu tom de sarcasmo até aqui.

As pessoas acham que ser virgem é fazer parte de algo incomum e que você, no caso a pessoa virgem, merecesse destaque. Até hoje não entendo porquê que todas as vezes que os meus amigos me apresentavam a alguém, eles falavam: “essa é a Fernanda, ela é virgem!”. É como se essa informação fosse realmente necessária.

Quando ingressei para a universidade, eu ainda era virgem e evitava falar sobre isso, pelo simples facto de ser algo extraordinariamente incomum, e isso me incomodava. Eu estava a sentir-me muito pressionada e pensava: “eu tenho de perder essa maldita virgindade!”, não pelo facto de querer ter relações sexuais, mas porque era chato ser tratada como virgem.

“Amigaaaaaa, como assim tu ainda és virgem?”. A pergunta que nunca se calava no meio de uma con-

versa sobre sexo.

Uma vez, no pátio da universidade, estávamos numa roda de meninas esperando a aula começar. De repente, a Jéssica começou com o assunto “sexo” e as meninas começaram a explicar como se faz um sexo oral e o que os meninos mais gostam nesse tipo de acto.

Lúcia começou a explicar que o Alexandre gosta de broche com bastante saliva. Estrela disse que o Carlos gosta que lhe chupem os mamilos. Jéssica rebateu, alegando que na hora do sexo oral dá uma *passadinha* com a língua no ânus do seu parceiro, isso fazia com que ele a amasse ainda mais, segundo ela, foi a tia que lhe tinha ensinado tais técnicas.

Na mesma sequência, a Joana acabou por comentar que ver um homem gemendo é umas das coisas mais gostosas que existe no acto sexual.

— Eu amo gemer depois de umas palmadas no rabo
— Rebateu Jéssica.

— Gosto de sexo selvagem — respondeu a Lúcia —
adoro gritar até os vizinhos ouvirem.

Eu olhei para elas com cara de assustada, pensei em voz alta “sexo selvagem!!!”, até que fui interrompida pela Jéssica.

— Fernanda, gostas de sexo selvagem?

Comecei a ficar nervosa, pois, as minhas colegas ainda não sabiam desse meu segredo guardado a sete

chaves. Todas falavam sobre posições e detalhes que eu nem fazia noção de que eram possíveis. Quer dizer, frango assado? Sério que isso é uma posição sexual? Posição carapau, isso existe?

Não consegui encaixar esse tipo de conversa no meu cérebro. Fui educada sozinha, lembro de não ter tido educação sexual. Os adultos à minha volta não falavam sobre sexo e relações afectivas. Nunca.

As coisas mudaram quando entrei para a universidade, onde aprendi que beijo não é só na boca, que olhos são espelhos da alma, que a vagina não serve só para fazer xixi, que um abraço apertado com os seios na mesma direcção é mais excitante que algumas palavras, que uma roupa curta pode ser interpretada como um convite para fazer sexo, que o nosso corpo é um instrumento e precisa ser tocado. Tudo isso que estava a acontecer ao meu redor de uma outra cor no meu mundo cor-de-rosa.

Nas férias de Dezembro reunimos, um grupo de cinco meninas e cinco rapazes, viajámos para Benguela aonde decidimos passar o Natal.

Na turma havia um menino chamado Gilmário, de olhos castanhos, pele escura e possuía uma altura média. Ele tinha um andamento super chamativo, era bastante charmoso e gostava de cantar no intervalo. Lembro-me que tinha uma voz suave e doce e eu amava ouvir a sua voz. Os seus olhos brilhavam sempre que ele olhava para mim, o seu sorriso era lindo, aquelas covinhas davam um outro toque mais atraente ao seu rosto, tornando-o o moço mais lindo

do grupo.

Ai que saudades da doçura daquele olhar sobre o meu!

Na véspera de Natal, no dia 22, convidei o Gilmário para me acompanhar até à *suite* em que eu estive hospedada. Eu já tinha tudo planeado, já sabia que naquele dia perderia a minha virgindade, estava bem determinada. Não consigo me esquecer daquele momento. Um momento assim ninguém esquece. Porém, lembro-me que não sentia nada, suas mãos em meu corpo não me diziam nada. Ele acariciava-me, beijava o meu interior, mas eu não sentia absolutamente nada que me fizesse perder o chão ou que estremecesse a alma.

Os seus movimentos de vai e vem, a sua respiração ofegante perto do meu ouvido assustava-me. Fiquei admirada por não estar a sentir tudo aquilo que as pessoas dizem em relação às relações sexuais.

No meio do acto, ele parou de repente, dando um grito estranho e eu fiquei chocada. Não sabia como reagir no meio daquele clima. Era isso? Já terminou? Mas... eu não sangrei... não era para ter sangrado? De repente senti uma enorme vergonha por não ter havido sangramento algum. Porque as pessoas à minha volta diziam que na primeira relação sexual a mulher tem que sangrar. Apenas a estranha sensação de ter feito xixi na cama deixou-me desconfortável. Levantei-me às pressas e fui ao banheiro.

Olhando para o meu próprio reflexo no espelho do

banheiro, a sensação de que estava a faltar alguma coisa, fazia-me sentir incompleta, eu queria sentir a minha alma completa e naquele momento, o cheiro do sexo grudado na minha pele não ajudou em nada. Eu queria ter sentido aquilo que as pessoas dizem: “Sexo é a melhor coisa que existe neste mundo”. Eu gostaria de sentir a sensação de uma das melhores coisas que existe no mundo, queria subir nas paredes, gemer de prazer mesmo sem conhecer o prazer. Então eu decidi voltar e fazer tudo de novo!

Voltei ao quarto, deparei-me com aqueles olhos castanhos brilhando sem malícia, apenas contemplando os meus olhos.

Ele aproximou-se beijou a minha testa tocou o meu rosto e afastou-se. Virou-se de costas e caminhou três passos, fiz o mesmo, segui-o e toquei-lhe no ombro. Gilmário virou-se e puxou-me para os seus braços. Comecei a acariciar o corpo dele, beijando cada parte, falando nas entrelinhas que eu queria tudo de novo. Ajoelhei diante dele, tirei o seu pênis para fora, enquanto ele olhava para mim. Segurei-o com firmeza e suavidade e introduzi-o na minha boca. E ele gemeu umas duas vezes, segurando o meu cabelo e enfiando todo o malandro na minha garganta adentro. Dei um leve suspiro, parece que eu ia vomitar e ele soltou rapidamente o meu cabelo, dando-me espaço para recobrar o fôlego.

Olhei para cima enquanto lambia aquele pau, queria confirmar se estava a portar-me como uma profissional, se ele estava realmente a gostar daquilo, e os nossos olhos cruzaram-se com aquele brilho diferen-

te, de doçura, com ternura. Foi com a voz cheia de malícia que eu lhe disse: “Quero tudo de novo”, é claro que essa inspiração toda roubei de uma actriz porno, de um vídeo curto que eu vira dias antes!

Eu disse a ele que queria umas cem vezes sem parar e ele lançou-me para a cama, afastou as minhas pernas, beijou cada parte das minhas coxas até chegar à cavidade mais longa e húmida que existe em meu corpo. Tocou o meu clitóris com sua língua afiada. Suspirei. Um sentimento estranho e gostoso invadiu o meu ser, eu segurei sua cabeça enquanto gemia e degustava da sensação. Entreguei-me por completo e o universo rendeu-se aos meus gemidos. A partir daí, um mistério, uma explosão de energia despertou em mim, uma nova forma de me comunicar através do corpo e uma curiosidade de experimentar sensações através do beijo, carícia ou um toque na pele. Depois de algum tempo, já bem encharcada, pedi para ele colocar o seu pénis dentro da minha vagina. Ele o fez vagarosamente, sem pressa, enquanto eu ansiava pela introdução por completo daquele mastro. Estava eu com os gemidos e suspiros à flor da pele e num abrir e fechar de olhos, estávamos lá, eu e ele, gemendo sem parar. Depois mudámos de posição, eu em cima dele, cavalgando feito louca e ele com as suas mãos sobre a minha cintura, dando algumas palmadas no meu rabo.

Chegámos ao clímax juntos. Caímos no chão e demos gargalhadas de felicidade e ele voltou a beijar-me na testa e a acariciar o cabelo e o rosto enquanto sorria, aquele sorriso meu, belo.

Depois daquela experiência com o meu corpo, percebi que me comunico melhor com sexo do que com as palavras, com uma carícia descubro coisas que me fazem sentir viva. Afinal gosto do cheiro do sexo, muito mais do que eu imaginava. Ainda sinto vontade de reviver toda aquela experiência com o Gilmário, porém, por escolha própria, dei-me a liberdade de andar em várias camas, à procura de algo cada vez mais diferente para saciar a minha fome. Alguns homens que encontrei eram melhores que os outros, mas nenhum deles conseguiu superar aquela noite em que eu me entreguei pela primeira vez.

Sempre que vejo um homem, o meu corpo estremece, solto uma das minhas frases favoritas “puta-que-pariu!”, pois já sigo imaginando ele em minha cama a contorcer-se de prazer. Gosto do sexo com intensidade, acompanhado com gemidos descontrolados, orgasmos a todo o segundo. Gosto de sentir o universo em minhas mãos quando toco o corpo que penetra o meu âmago.

Já me perguntaram várias vezes: o que sentes quando fazes sexo?

Talvez não seja a resposta certa, mas eu não nasci para a putaria, ela nasceu para mim! Porque quando faço sexo, sinto uma mistura de vibrações que me fazem viajar e delirar. E quando chego ao orgasmo, sinto que uma parte de mim se mistura com o universo e faz a minha alma pulsar de prazer e eu não quero viver só uma experiência, com uma única pessoa e nem quero saber o que o mundo pensa ou acha sobre o sexo, eu gosto de viver o sexo intenso, perigoso,

extremo e letal. Acho que me tornei uma viciada em sexo, porque eu adoro sentir um órgão genital duro entrando e saindo dentro de mim, meus gemidos invadindo o quarto todo. Amo gemer, mesmo quando estou no banho coloco o chuveiro por baixo das minhas pernas, sentindo a pressão da água batendo forte no meu clitóris e vou gemendo sem me importar com os vizinhos, e me venho mesmo ali, enquanto a água escorre pelo meu corpo. Quando estou tesa eu sou uma maluca, eu sei.

Às vezes me pergunto por onde anda o Gilmário, será que ele pensa em mim? Faz anos que não tenho notícias dele, mas daria tudo para voltar a vê-lo na minha cama mesmo que fosse apenas uma única vez, sem roupa fodendo-me sem parar. Várias vezes pensei em enviar um e-mail ou uma SMS para ele, mas nunca consegui exteriorizar o meu pensamento. Penso que ele já deve ter a sua família, enquanto eu vou andando de cama em cama, caçando prazer e mais prazer.

Amo combinar jantar com vinho e sexo. Vivo o hoje como se fosse o último dia, morro todos os dias. Acordo na mesma cama sem roupa com rapazes que nem sei o nome, outros, apenas o primeiro nome e assim vou levando a vida. Estou perdida, cheia de vícios. Às vezes, parece que estou sozinha rodeada de pessoas que não falam a minha língua.

Tenho medo, penso que não sou como as outras mulheres, temo que não conseguirei viver com um homem apenas. Eu não vos contei, mas durante todo esse tempo, andando de cama em cama, sustentando

o meu vício por sexo, eu contraí um vírus crónico, não vou mencionar aqui, mas é algo muito grave.

Agora entendem o porquê que nunca voltei a dormir com o Gilmário, não é? Eu o amei e o protegi, mantendo-o distante de mim. Quem não me conhece, pensa que eu sou a mulher mais saudável e gostosa do mundo, engana-se!

De que vale um texto, um poema, um romance guardado na sua gaveta?

Publique com a É SOBRE NÓS!

Contactos: +244 924 477 532 | +244 919 146 296

geral@esobreler.ao

